

Japão ajudará América Latina a pagar dívida

Sílvio Ferraz

Correspondente

Washington — Os círculos oficiais e a comunidade financeira internacional receberam com euforia a notícia transmitida pelo enviado especial do governo japonês aos Estados Unidos, Shintaro Abe, de que seu país planeja destinar nada menos que 30 bilhões de dólares para ajudar a América Latina a resolver seus problemas de endividamento. “É muito importante para o meu país contribuir para a comunidade internacional e também abrir seu mercado”, afirmou o ex-ministro das Relações Exteriores. Ele anunciou, ainda, que os detalhes desta maciça transferência de recursos para a América Latina serão dados pelo primeiro-ministro Nakasone na visita ao presidente Reagan na próxima semana.

— Os Estados Unidos dão boas-vindas a esta intenção do governo japonês e espera receber mais detalhes desta ajuda sem vinculação à compra de produtos japoneses — afirmou o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman. O economista Albert Fishlow, da Universidade da Califórnia, observou que os governos latino-americanos precisam mostrar a mesma agilidade que os europeus quando pela primeira vez foi esboçada a idéia de um plano de reconstrução pós-guerra.

— Ou os presidentes convidam Nakasone para visitar a América Latina ou viajam até Tóquio — disse.

Distensão

O oferecimento japonês, conforme o ex-ministro Shintaro Abe frisou, pretende ser entendido numa forma ampla e não apenas no contexto das relações entre seu país e os Estados Unidos. O Japão quer demonstrar à comunidade internacional que pressiona desde

há algum tempo, que seu imenso superávit comercial servirá agora para sanear em grande parte as economias dos países endividados. Com isso pretende fortalecer as economias do Brasil, México e Argentina, principalmente, tradicionais importadores de produtos americanos, e estimular o comércio desses países com os Estados Unidos. Os financiamentos serão concedidos sem obrigatoriedade de compra de equipamentos ou produtos japoneses, frisou Abe.

O empréstimo de 30 bilhões de dólares faz parte de um pacote de quatro medidas a serem apresentadas por Nakasone a Reagan para interromper o processo de deterioração das relações entre os dois países. Se levado a cabo, o programa será a primeira iniciativa isolada de um país industrializado para resolver de alguma forma a questão da dívida. Será também uma resposta vigorosa às pressões que o Japão, com a segunda maior economia e o maior superávit comercial do mundo, vem recebendo de seus aliados.

Depois dos “petrodólares” árabes da década de 70, surgem agora os “nipodólares”. São ao todo 102 bilhões de dólares do superávit comercial japonês necessitando ser reciclado. O programa poderá ser conduzido diretamente pelo banco japonês de importação e exportação. Até agora o governo japonês vinha relutando em tomar a dianteira para colaborar de forma decisiva no saneamento das finanças internacionais, alegando que seu superávit comercial está nas mãos de empresas privadas e não do governo.

— A situação da América Latina guarda certa similaridade com a vivida pelos países europeus após a guerra”, observou Fishlow. “Grande parte do endividamento mundial está concentrado na América Latina. Há temor da expansão do comunismo e os Estados Unidos parecem preocupados. Há que se aproveitar a oportunidade o quanto antes — frisou.